

Noema

Acto 1º

Quadros 1º e 2º

Podraguante levanta o arco com as asas  
abrigem como para deferir a flor de contra  
ella. Deixa cahir porém as bracos do ovir  
o canto de uma ave noturna

Mutações

Quadro 2º

Costa estrellada na beira mar. A direita  
um rochedo. Vegetação tropical. A es-  
querda algumas pedras.

Cena 1ª

Diogo, Fernando, Vicente, Var e Sancho

Diogo e Var sentados nas pedras. Sancho  
e Vicente ao fundo, contemplam o mar  
Fernando parecia agitado pela scena

Fernando (impaciente)

A je de Fernando Ayres, que não vos  
posso comprender a calma, Diogo! Já  
se vai a findar um mes de de que agui-  
estamos, acercados de um gentio feroz, com

de vossa parte tenhamos sorprendido esse  
se movimento de desesperança ou de alente.  
Acaso não percebeis que esse selvagem  
não nos olham com bons olhos?

Vante

Tendes razão, Fernando! Eu gentio me-  
dita alguma traição. Tantos carrilhos  
ajoz tanta ferocidade não me pra-  
recem de bom agouro. Vós Dirgo,  
que dizeis?

Dirgo

Nada. Lembro-me apenas que Pandora  
se encontrou no fundo da boceta  
dos males, Pandora encontrou a  
esperança. Entretanto se a Deus  
prover que morramos, torberei morrer  
como português e como christão.

Fernando

Vós fallaveis assim, Dirgo Alvaris, e  
tratareis de salvar os destroços da  
nau. Bem acollectes a pólvora  
e a armadura que eu por mim vos  
trouxe. Que pretendes fazer cutão da  
vossa moquette, e da pólvora?

Vas

Sim! Se não vos queris utilizar dessas  
coisas, entugai-as aos confianheiros  
que lhe caberão, dar arventia. Fiquemos

Diogo (servantando-se)

Dizeis que sois! preferis arriscar vos a  
mil perigos, atravessando matthas e flo-  
restas onde rugem feras e ractypin ser-  
pentes, onde vivem indios feroces, a per-  
manecer aqui, onde por enquanto,  
nenhum mal vos fizeram.

Fernando

Dizeis bem, quando dizeis - por enquanto.  
Essa calma amedronta-me mais do  
que a ferocidade do primeiro momento.

Diogo

Quando chegar a occasião de def-  
ender a vossa vida, e acaso a alma  
carim, farei entrar uso da armad e  
conservo occulta.

Vicente (deixa o fundo

aproxima-se dos confianheiros com um  
gesto de desalento) Nem uma vela,  
nem uma sraim ao longe! Passo dis-  
entuiros a contemplar esse mar sem fim  
na bocca esperanza de avistar uma

embarcações qualquer!

Sancho (aproximando-se)

Diz-se hia que um céo cruel se dverte  
a zombar de nós. Após a tempestade q.  
aqui nos jogou, esta calma desesperada  
No meio de uma esplendida natureza  
que nos apresenta aos olhos a imagem  
de um paraíso, só nos espera a  
morte atroz dos abandonados sem  
patria e sem lar! Quem nos sal-  
vára deste feroz medonho fim?

Diogo

Eu, talvez!

E todos (anciosos)

Falac! dizei!

Diogo

Nada tenho a dizer-vos. Sei apenas q.  
me alimenta a esperança e a Fé!

Fernando

Algo vos disseram essas Indias que  
nos procuram sempre! Quereis guar-  
dar segredo.

Diogo

At mim nada me disseram. Começa  
nos a comprehender, mas, peccati que

8

Fernando

Dizei antes que a Inocência se aproxime  
de mim a sós, mas é impedido por  
esse endemonhado Paraguassu que se traz  
a todos infelizes.

Diogo (checo)

Sois injusto.

Sancho (que tem culid  
'um pouco) Eis ali a Inocência! e  
desta vez vem só.

Scena 2ª

Os Mesmros e Inocência.

alguma coisa nos deixam dizer, mas  
que as entendiadas alguns secuto nocio.

Fernando.

Dizei antes que a Proemia procura apro-  
ximiar-se de nós, só, mas não a desisca.  
a tal Paraguassú que parece ter ente-  
nido em fazer a cala

Diogo

Sois injusto

Sancho (que tem subido um  
ponco) Ah! eis Proemia! Finalmente ven-  
so!

Cena 2<sup>a</sup>

Os Resumos e Proemas

(Proemia vem entrando como que a me-  
drontada, espreitando pelos lados)

Proemia

Os guerreiros veiam quando a estrela  
triste da tarde já fugiu?

Diogo

Admiras-te isto? Porque? Os costumes  
da tua tribo não nos permitem velar?

Proemia

Os estrangeiros estão no bosque sagrado

onde a pagé e os guerreiros tupinambás  
esperam o dia do sacrificio, pedindo  
a Jacy, força e valor.

Sancho

Do sacrificio?

Diogo

Trata-se de alguma cerimonia re-  
ligiosa talvez

Mar (desconfiado)

Hum!

Fernando

Explica nos isso?

Diogo

Eu vieste aqui para nos dizer  
alguma coisa, não é assim? Pois não  
te ouvimos.

Moema

Moema vai falar... (pausa) Quando  
as ondas do mar atiraram os guerreiros  
brancos á terra do tupinambá, Gupera,  
chefe da tribo quiz matar os estrange-  
iros... Utibó, pai de Moema,  
nos tempos longe de agora, viu a igarapé  
grande dos irmãos brancos dos guerreiros...  
teve medo quando os viu... e...



Nas

est formé de fibres  
nos fibres sont de longueur de guano  
général face à l'écaille de guano  
dure est une matière qui a l'air de  
de fibre d'un autre côté à l'écaille de guano

Nas. Sphère à mailles fines et dures

Prose (com. fibre)

andré très

Est à la fin que l'écaille est formée par

Quatre

avec son aide.

à leur surface intérieure qui est dure

laine est régulièrement que les fibres

Quatre (com. matière)

l'écaille est formée et elle résiste

à leur surface intérieure qui est dure

à leur surface intérieure qui est dure

à leur surface intérieure qui est dure

à leur surface intérieure qui est dure

Prose

Etant mélangés

Nas

elle

après l'écaille à l'écaille de guano

Oh! o que é lá isso?

Moema.

O prisioneiro da tribo morreu no combate da festa, e o seu corpo serviu de pasto aos guerreiros da tribo, para que ao seu sangue e na sua carne bebam o valor e a sabedoria das nações desconhecidas. (Os portugueses fazem um gesto de horror) É o costume que os velhos transmitem aos moços.

Fernando

E porque não nos mataram logo?

Moema

Citibó falou... Os guerreiros da tribo esperam que o desconhecido e o sombrio tragam a força que o mar lhes tirou.

Sancho

E quando tentam matar-nos?

Moema

Atua das águas vai nascer. Quando cantar a anhimã o pagé e a tribo virão pedir a Jacy, esposa do sol, força para vencer o inimigo e ardil para vencer a caça. Quando o sol se cordar nas ondas do mar, os guerreiros brancos

Ch' o que é lá isso?

Proema.

O prisioneiro da tribo morre no combate da festa, e o seu corpo serve de pasto aos guerreiros da Taba, para que os seu sangue e na sua carne bebam o valor e a sabedoria das nações desconhecidas. (Os portugueses fazem um gesto de horror) É o costume que os velhos transmitem aos moços.

Fernando

E porque não nos mataram logo?

Proema

litibó falou..... Os guerreiros da tribo esperam que o descanço e o sono tragam a força que o mar lhes tirou.

Sancho

E quando tencionão matar-nos?

Proema

atua das águas vai nascer. Quando cantar a anhuina o pagé e a tribo virão pedir a Jacy, esposa do sol, força para vencer o inimigo e ardil para vencer a caça. Quando o sol a cordar nas ondas do mar, os guerreiros brancos

morrerão

Diogo

Amanhã pois devemos ser sacrificados.

Moema

Tu não deves morrer ainda, porque a doença te conserva ainda fraco.

Diogo (desconfiado)

Tas então desear morrer os meus irmãos sem nada dizer? Porque não fallaste antes?

Moema

Moema é filha do pagé; se fallasse antes trahiria seu pai e não poderia te salvar com teus irmãos.

Hoje.

Tens algum projecto?

Moema

Sim. Quando o pagé levantar o arco para a lua, mãe das aquas, a taba ficará vazia, e então Moema poderá levar os seus amigos para a tribo de Jutay, chefe dos Cahetés, que <sup>amigo do irmão de</sup> ~~é~~ <sup>de</sup> ~~se~~ <sup>de</sup> ~~esposa~~ <sup>de</sup> Moema. O Caheti tem mil guerreiros que defenderão a vida de seus hospedes.

poderei levar os seus amigos para a  
tribo de Jutay, chefe dos Cahetés, que  
quer a virgem para sua esposa. O ca-  
hete tem mil guerreiros que defende-  
rão a vida do seu hospede.

Fernando

Propões-nos a fuga?

Moema

Sim.

Sarcasmo Gil-Vaz.

Estás e' já! (dirige-se para a esquerda  
alta com Fernando Vaz e Vicente)

Diogo (que tem estado a  
reflectir.) Não! É chegada a hora de  
mostrar-vos de que vale a minha es-  
perança. Vitemos atear uma luta  
contra estas tribus selvagens. Para levar  
a effecto a minha ideia preciso voltar  
a' gauta. Vitemos todos.

Moema

Estás nas partes?

Diogo

Não. (Clare se um canto de ave no-  
turna)

Moema (assustada)

## Mocima

Cantou a arhumã! É o signal  
para os cantos sagrados! Ven! (Toma  
pela mão e guia e para o fundo) Elle Era  
Mocimã Elle te matará

## Diogo

Não! Prostrou-te - hei, filha, que tenho  
poder para vencê - los todos. (Quem se  
mais prostrou e grita da ave)

## Mocima

Vae! fuge! Letão ali os guerreiros. (Diogo  
seguido pelos portugueses sahê pelas  
judeas do fundo. Mocimã occulta - se  
nas mattas á esquerda.

## Acto 3º

(Começa a clamar o céu com a lua que  
vem surgindo)

Gueva, Vitibó, Coary, Para  
guasú á testa das Amazonas, Guerri  
ros, Mulheres e anciões e anciões.

## Marcha.

Entram todos, uns após outros, pela direita  
em attitude de extraordinario recolhimen-  
to e em profundo silencio, Vitibó,  
Gueva, Coary, os Guerreiros, os Mulheres  
e anciões.

~~as primeiras, e finalmente~~ Paraguassii  
à testa das Amazonas. As Amazonas  
e os guerreiros trazem os seus arcos e  
flechas.)

### Utibó

(Chegando ao meio da scena, levanta  
os braços para o céu em acto de  
invocação) Tupan! Tupan! Os seus  
filhos te

### Gupura

Guerreiros! o sol que vai nascer verá  
a morte dos estrangeiros no festim  
da guerra. Tupan velará pelo seu  
povo fiel.

### Utibó

Anhima cantou! A lua das a-  
guas percorre o seu arco no céu (Pro-  
stram-se todos) Jacy espera os cantos  
dos guerreiros e das virgens da taba.  
Ela dará força ao seu braço, e tornará  
a sua flecha invencível.

### Invocação

Prostram-se todos, excepto Utibó, e  
~~guerreiros~~ Gupura, Paraguassii e as Amazonas  
que se conservam voltadas para a

esquerda onde sem nascendo a lua

Canto

(Musica - Aida - Finale I<sup>o</sup> - Scena della  
consagração.)

Paraguassu e Amazonas

Jacy, Mãe do céu  
Esposa do sol!  
Vem!

Jacy! Mãe Nossa  
Inaze as flôres  
Vem!

Jacy! Mãe das virgens  
Dá o teu sorriso!  
Vem.

Os Guereiros

Jacy! Mãe das águas  
Esposa do sol  
Vem!



Finito o bailado, Utitibi' ergue os braços esse acto

Essa invocação -

Utitibi' -

Mortal, dilettu ai humi - et te fidate.

Son d' Egitto le sorte - Il sacro ~~brando~~ brando

Dal dio temprato, - per tua man diventu:

Ai rumici, ferro, fulgore, morte!

Jucy! Mãe dos guerreiros  
Trazes as frentas  
Vem!

Jacy! Mãe d'amor  
Dá a tus filhos força  
Vem!

- Dança sagrada das amazonas -  
(As amazonas fazem diversas evolu-  
ções em trabalhado com o seu arco e  
flecha, derreindo - a ora contra a lua,  
ora uma contra as outras, como em combate,  
sem entanto afastarem se muito do  
lugar que ocupam)

L Citibi  
Tupan! pai e vingador  
Da terra do tupy  
Estende o teu arco!  
Protege a fiel tua tribo.

Um guerreiro (erguendo-se)  
Tupan! pai dos fortes!  
Contra o estrangeiro  
Protege os teus filhos

A tua tribo fiel

(Quando está quasi a terminar o  
côro, Diogo apparece galgando o rochedo  
si direita <sup>pel lado do mar</sup> Todos prostrados ou attentos  
a sua mão e vênus; esta apparece bri-  
lhante. Neste momento, Diogo chega ao  
alto do rochedo. Vem revestido de  
uma armadura, capacete, e traz na  
mão o mosquete. Chegado ao alto  
ele colloca-se de modo que a lua  
o fira em cheio, fazendo-lhe brilhar  
a armadura; levanta a arma e  
dispara um tiro. Os indios erguem-  
se em sobresalto, avistam. Diogo  
immovel no alto do rochedo, veem  
esporoados e de novo se prostram  
aterrados.)

Os Indios (aterrados)

Tupan! Caramuri! Caramuri!

Fim do 1º acto.